

PROGRAMA LER, ENTENDER E FAZER: UMA PRÁXIS FREIREANA DE DIALOGICIDADE?

Camilla Marques da Silva

marquescamilla@hotmail.com

Karla Alexandra Dantas Freitas Estrela

karla_adfe@hotmail.com

1- Introdução

O presente estudo é fruto das discussões realizadas no Grupo de Estudos Paulo Freire (GESPAUF) que pertence a FURNE – Fundação Universitária de Ensino, Pesquisa e Extensão da cidade de Campina Grande, bem como nos espaços destinados às formações continuadas do programa Ler, Entender e Fazer. Assim, surge em novembro de 2011, pelo Plano Estadual de Alfabetização de Jovens e Adultos do Estado da Paraíba, o Programa Ler Entender e Fazer. Tal programa visa oferecer a pessoas jovens, adultas e idosas que ainda não sabem ler e escrever, a chance de aumentar seu conhecimento sobre o mundo letrado e prosseguir sua escolarização em nível de Ensino Fundamental e Médio. Ele acontece de forma articulada com o governo Federal por meio do programa Brasil Alfabetizado.

O foco central do estudo no Programa é a dialogicidade freireana, entendida não apenas como conceito teórico, mas uma maneira de ver a vida, o mundo e as pessoas (FREIRE, 2006). Assim, como a racionalidade comunicativa, a dialogicidade prevê grandes mudanças na maneira como nos relacionamos com o mundo e com os outros.

Acreditamos que Paulo Freire trouxe contribuições relevantes para a educação, pois suscita em nós reflexões quanto à responsabilidade do ato educativo e da necessidade de os educadores se comprometerem com o exercício de uma educação que possibilite a pessoa para ser sujeito apto a interagir tanto em sua própria comunidade quanto no mundo globalizado, de modo que os resultados das relações dialógicas estabelecidas gerem uma sociedade democrática, tornando explícito o vínculo entre política e educação.

Freire nos permite pensar a escola, colocando o diálogo no centro da transformação que ele acredita ser necessária: passar da ação antidialógica para a ação dialógica, da educação bancária para a educação problematizadora e libertadora, o que exige um novo modo de pensar a escola e as relações que nela se estabelecem.

Nesse sentido, Freire afirma que

O dialogo não pode converter-se num bate –papo desobrigado que marche ao gosto do acaso entre professor ou professora e educando. O dialogo pedagógico implica tanto o conteúdo ou objeto cognoscível em torno de que

gira quanto a exposição sobre ele feita pelo educador ou educadora para os educando (2006, P.118).

É na pedagogia dialógica que podemos compreender o alfabetizando como um ser que não apenas está no mundo, mas com o mundo e para o mundo. Porém, a sociedade contemporânea atravessa enormes modificações econômicas, sociais, políticas e culturais. Vivemos um momento histórico intensamente marcado pela internacionalização da globalização e da tecnologia. Dessa forma, há um contingente de pessoas à margem das modernidades e progressos, podendo ser consideradas reféns dos baixos níveis de educação e limitações para as habilidades de leitura e escrita.

É nesse cenário que o programa Ler, Entender e Fazer, fundamentado na pedagogia dialógica de Paulo Freire, busca potencializar os educandos a estabelecer uma luta pela sua emancipação, pelo auto – reconhecimento e reconhecimento social, pela garantia de seus direitos a uma vida digna.

Nessa Perspectiva, reproduzimos as contribuições de McLaren (1989 apud SOUZA, 2002, p. 43) quando se refere à contemporaneidade do pensamento de Paulo Freire:

Freire poderia transformar-se para os teóricos sociais contemporâneos num lembrete de que as pessoas ainda sofrem, padecem, recebem opressão e abandono. Assim a utopia freireana busca devolver a carne, os ossos e a vontade humana à teoria social. [...]. Desta feita confio que ela venha a funcionar como a consciência moral para os teóricos sociais do futuro.

A carne, os ossos e a vontade humana correspondem à vida da educação, ao existir de educador e educando, gente que se relaciona no processo de construção do conhecimento. Conforme as idéias freirianas, a educação é um encontro (ato dialógico) entre interlocutores, que procuram no ato de conhecer a significação da realidade e na práxis o poder da transformação.

Por isso, a dialogicidade é muito mais do que um conceito teórico, mas uma maneira de ver a vida, o mundo e as pessoas. Assim como a racionalidade comunicativa, ela prevê grandes mudanças na maneira como nos relacionamos com o mundo e com os outros.

Nesse sentido, a pedagogia de Paulo Freire continua a ser uma referencia, pois ela destaca a alfabetização como um processo que permeia contextos e experiências particulares e representa a base sobre a qual se constrói uma nação mais justa e solidaria.

Assim, com esta pesquisa, objetivamos analisar as falas dos alfabetizados do programa Ler entender e fazer da cidade de Queimadas – Paraíba com o intuito de afirmarmos a relevância das experiências vividas pelos alfabetizados numa relação que contempla a dialogicidade freireana no processo de ensino - aprendizagem. Para tanto, primeiramente, apresentamos uma discussão teórica sobre a pedagogia dialógica de Paulo Freire, em seguida, o Programa Ler entender e Fazer, e, por fim, a análise dos dados e as considerações finais.

2 - A Pedagogia dialógica de Paulo Freire

As ideias sobre a prática pedagogia na Educação Popular, no Brasil, começam a se estruturar como corpo teórico e prático-social, no final da década de 1950, quando intelectuais e educadores ligados a igreja Católica influenciados pelo humanismo Personalista que florescia na Europa pós- guerra, se voltam para as questões populares. Paulo Freire foi o pioneiro no trabalho de sistematização teórica dessa modalidade de educação, e atualmente ainda é um autor referência em estudos e práticas democráticas que pressupõe a libertação do homem no processo educacional.

Ao transitar pelo pensamento Freireano é possível percebermos a constante preocupação em estar revendo e reformulando suas idéias. A humildade epistemológica de Freire faz com que sua obra permaneça viva e, a sua filosofia da práxis, torna-se, hoje, extremamente atual para compreendermos os problemas, mas também a vida que há na escola.

O contexto do discurso freireano em seus primeiros escritos ocorre no Brasil a partir de análise antropológica da nossa “inexperiência democrática” na obra Educação e atualidade brasileira. O texto já apontava elementos necessários à construção de uma educação democrática, apesar de não conter ainda em suas concepções a força discursiva em torno do caráter político da educação. Em seu exercício permanente de autocrítica e à medida que continua suas produções, destaca:

“Em meus primeiros trabalhos, não fiz quase nenhuma referência ao caráter político da educação. Mais ainda, não me referi, tampouco, ao problema das classes sociais, sem a luta de classes(...). Esta dívida refere-se ao fato de não ter dito essas coisas e reconhecer, também, que só não fiz porque estava ideologizado, era ingênuo como pequeno burguês intelectual.(1979, p.43)

Para Paulo Freire é preciso trabalhar pedagogicamente o homem e os grupos envolvidos no processo de participação popular, fomentando formas coletivas de aprendizado e investigação de modo a promover o crescimento da capacidade de análise crítica sobre a realidade e o aperfeiçoamento das estratégias de luta e de enfrentamento. É uma estratégia de construção de participação popular no direcionamento da vida social.

Assim, Freire(2005, p.210) convida a pensar as condições de “ser menos” a partir da teoria da ação dialógica e antidiológica e propõe a síntese cultural como forma de organiza-se a fim de requer o que é humanamente humano. Para ele “na síntese cultural, não há invasores, não há modelos impostos, os atores, fazendo da realidade objeto de sua análise crítica, jamais dicotomizada, se vão inserindo no processo histórico, como sujeitos”.

A ênfase não é dada a transmissão de conhecimentos, mas a ampliação dos espaços de interação cultural e negociação entre os diversos atores envolvidos em determinado problema social para a construção compartilhada do conhecimento e da organização política necessária a sua superação ao invés de procurar difundir conceitos e comportamentos considerados corretos, procurar problematizar, em uma discussão aberta, o que está incomodando o oprimido. Prioriza as relações com os movimentos sociais por serem expressões mais elaboradas dos interesses da lógica subalternos da sociedade cuja voz é usualmente desqualificada nos diálogos.

Na concepção problematizadora, o diálogo não se configura apenas como método, mas como estratégia para respeitar o saber do aluno, isto é, o importante é a comprovação de que os alunos quando chegam à escola, também têm o que dizer e não apenas o que escutar. Assim, para pôr em prática o diálogo, o educador não pode colocar-se na posição de detentor de todo saber, ele precisa ter uma posição humilde de quem sabe que não sabe tudo, reconhecendo que o analfabeto não é um homem “perdido”, fora da realidade, mas alguém que tem uma experiência de vida e por isso também é portador de um saber. “O diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens” (FREIRE, 2001, p.79).

A educação dialógica se funda numa práxis educativa de constante ação-reflexão-ação, por isso a escuta verdadeira peculiar do diálogo caracteriza o encontro

dos homens para a pronúncia do mundo. Esta comunicação entre iguais implica superação da contradição entre educadores e educandos e na assunção de uma educação problematizadora. A capacidade de refletir sobre uma situação e se posicionar coerentemente em relação a ela é requerida pela necessidade do exercício da cidadania, em uma sociedade de amplo acesso a informação e participação nas diferentes esferas da interação social.

Conforme o pensamento freireano, devemos entender o diálogo como uma relação de comunicação estabelecida horizontalmente por sujeitos, e permeada pelo respeito, amorosidade, humildade e confiança entre eles, e principalmente pela fé na sua essência humana. Assim, o diálogo apresenta-se como uma exigência existencial pela qual os homens se reconhecem através de um pensar e agir conscientemente crítico, proporcionando uma leitura interpretativa do mundo pela elaboração de argumentos consistentes.

Desse modo, ao abordarmos o diálogo como uma categoria indispensável à educação popular. Percebemos que a educação proposta por Freire se diferencia da tradicional, uma vez que abomina dentre outras coisas a dependência dominadora, que inclui a relação de dominação do educador sobre o educando. O referido educador propõe uma nova concepção de relação pedagógica baseada no diálogo, isso significa que o educador também aprende do educando da mesma maneira que este aprende dele.

Nessa perspectiva, Freire (2006) afirma que

O dialogo tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com o outro. Nem, é favor que um faz ao outro. (...) implica, ao contrario, num respeito fundamental aos sujeitos nele engajados, que o autoritarismo rompe ou não permite que se constitua (p. 118).

Sendo assim, a relação dialógica funda o ato de ensinar, que se completa no ato de aprender. Não há ninguém que possa ser considerado definitivamente educado ou definitivamente formado. Cada um, a seu modo, junto com os outros, pode aprender e descobrir novas dimensões e possibilidades da realidade na vida. A educação torna-se um processo de formação mútua e continua.

Observamos que Freire não se limita a analisar como são a educação e a pedagogia, mas mostra como elas devem ser compreendidas teoricamente e como se deve agir através de uma educação denominada “libertadora”. Para ele, educação é um

encontro (ato dialógico) entre interlocutores, que procuram no ato de conhecer a significação da realidade e na práxis o poder da transformação.

A metodologia de trabalho dos Círculos de cultura assume uma dinâmica que principia os sujeitos no interagir crítico e consciente. Esse movimento representa para Freire (2005, p. 70), um contraponto à Educação Bancária que se configura como um “estranho humanismo que reduz a educação à tentativa de fazer dos homens o seu contrário – o autômato, que é a negação de sua ontológica vocação de Ser Mais”. Os Círculos de Cultura são inegavelmente ideológicos, pois refletem as posições ideológicas dos grupos que os constituem e são geradores de autonomia.

Logo, a concepção de alfabetização de Paulo Freire permanece atual, ao responder às reais expectativas e necessidades demandadas pelos sujeitos da educação de jovens e adultos e, por isso, vem sendo abordada nos programas de educação destinados a esse público, como por exemplo, o Ler, Entender e Fazer.

3- Plano Estadual de Alfabetização de Jovens e Adultos - Ler entender e fazer: elementos constituintes

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma realidade nas redes de ensino públicas brasileiras, uma vez que nosso país, segundo o levantamento, baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD de 2012, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostra que 14 milhões de pessoas ainda não dominam habilidades de leitura e escrita.

Nesse contexto são vários os movimentos de reforma educacional desenvolvidos ao longo das décadas do século XX. Contudo, não basta que consideremos o acesso às escolas por parte dos grupos populares, mas se torna necessário que realizemos uma reflexão acerca do modelo de educação vigente que se constituiu.

Políticas educacionais paliativa, ou até mesmo a falta delas, somam-se à história deste segmento. Algumas ideologias acerca da alfabetização das pessoas pertencentes a essa modalidade de ensino, os rotulavam como responsáveis pela sua própria marginalização e miséria, assim, políticas assistencialistas surgiram como estratégias para solucionar a problemática do analfabetismo destes sujeitos, não obstante, era

perceptível a negação de sua historicidade, ignorados pelos modelos educacionais estabelecidos.

Nesta conjuntura, Paulo Freire trouxe reflexões e propostas pedagógicas que enfocam a libertação dos sujeitos das estruturas de opressão, considerando-os como sujeitos históricos.

Assim, surge em novembro de 2011, pelo Plano Estadual de Alfabetização de Jovens e Adultos do Estado da Paraíba, o Programa Ler Entender e Fazer. Tal programa visa oferecer a pessoas jovens, adultas e idosas que ainda não sabem ler e escrever, a chance de aumentar seu conhecimento sobre o mundo letrado, inaugurando um caminho para prosseguir sua escolarização em nível de Ensino Fundamental e Médio. Ele acontece de forma articulada com o governo Federal por meio do programa Brasil Alfabetizado, direcionando um olhar para o mundo do trabalho, a partir dos eixos (identidade, cultura, cidade, campo, comunicação, tecnologia, cidadania e trabalho) que norteiam a Educação do nosso estado.

As aulas do referido programa são realizadas em escolas municipais das cidades que compõe o Estado da Paraíba, com duração de 12h aulas por semana, sendo cada encontro de 3h.

O programa Ler Entender e Fazer tem como desafio, usar a fala, o corpo, a mente e o próprio processo de pensar para ajudar o outro a sair do lugar que está e conseguir significar as coisas e entender o mundo. Para isso, ele tem como base a pedagogia dialógica de Paulo Freire que é entendida como um fio condutor para uma consciência crítica, onde o ato de educar tornar-se antes de tudo, desenvolver o ato de libertação em comunhão entre os homens, e fundamentalmente, ainda, para aceitar a condição humana, é necessário situá-lo no mundo, e não separá-lo dele.

A libertação, de acordo com Freire (2005), acontecerá não apenas com a tomada da consciência, mais que esteja associada à práxis;

O diálogo crítico e libertador, por isto mesmo que supõe a ação, tem de ser feito com os oprimidos, qualquer que seja o grau em que esteja a luta por sua libertação. Não um diálogo às escâncaras, que provoca a fúria e a repressão maior do opressor [...] Pretender a libertação deles sem a sua reflexão no ato desta libertação é transformá-los em objeto que se devesse salvar de um incêndio. É fazê-los cair no engodo populista e transformá-los em massa de manobra (p. 59)

Para Freire, a alfabetização é o processo em que o sujeito se torna autocrítico de sua própria experiência histórica, ao ser capaz de nomear as situações-limite e investir em busca do inédito-viável.

Assim, faz-se necessário que essa alfabetização faça uso de metodologias e práticas educativas que considerem o ser, a realidade e o saber dessas pessoas que trazem consigo um conhecimento vasto e diferenciado. Tais práticas não devem ser solitárias, e sim, potencializar os educandos a enxergar o mundo, trazer para a escola uma conexão direta com sua vida, sua cultura, seu trabalho e sua cidadania.

Logo, a dialogicidade na alfabetização desses sujeitos é refletida através de expressões da afetividade dos educandos, de suas falas sobre o vivido, da interpretação que fazem do mundo que o cerca e da capacidade de projetarem possibilidades de transformação a partir do desvelamento de si próprio. Assim, pontuamos as contribuições de Freire (2005) ao defender que o diálogo é uma exigência existencial e não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias a serem consumidas pelas pessoas.

Nessa perspectiva, apresentamos na próxima seção, dados que nos permite compreender melhor algumas das experiências vividas por alfabetizandos em relação à dialogicidade freireana. As reflexões a serem pontuadas estarão ancoradas na epistemologia dialética de Paulo Freire que oferece bases para a interpretação do desenvolvimento da consciência humana e sua relação com a realidade.

3.1 – Interpretando dados referentes a dialogicidade freireana no processo de alfabetização do Programa Ler entender e Fazer

No processo de pesquisa empírica, da primeira etapa (novembro de 2011 a maio de 2012) do Programa Ler Entender e Fazer, foi possível ouvir atentamente as falas dos alfabetizandos em relação ao desejo de adquirirem as habilidades de leitura e escrita. Para eles, qual a importância de serem alfabetizados? Nessa perspectiva, foi possível fazer uma descrição e análise com o intuito de afirmarmos a relevância das experiências vividas pelos alfabetizandos numa relação que contempla a dialogicidade freireana no processo de ensino - aprendizagem.

Assim, destacamos algumas idéias centrais que revelam a importância da alfabetização para esses sujeitos: 1º) superar as atuais condições de vida, principalmente

a exclusão; 2º) participar no processo de construção de conhecimento a partir da realidade vivida e; 3º) ter consciência da realidade e de suas possibilidades.

O quadro abaixo, nos ajuda a visualizar melhor a transcrição dos dados que foram coletados dos alfabetizandos que contribuíram para a construção deste estudo:

SIMBOLOS	SIGNIFICADO
A+ N(1,2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9,10)	Para nomear os alfabetizandos
“ ”	Fala dos alfabetizandos
(())	Comentário do pesquisador

3.1.1 – Superar as atuais condições de vida, principalmente a exclusão

Vejamos as falas a seguir:

A1 “Quando eu era criança não podia estudar porque tinha que trabalhar pra ajudar meu pai nas despesas da casa.”

A2 “Eu nunca tive a oportunidade de estudar! não sabia que ia precisar tanto para, hoje, ter um trabalho melhor.”

A3 “Não sei ler o nome do ônibus que vou tomar ou aqueles nomes que tem nos hospitais e nesses outros lugares que vou. Nunca tive condições para ir à escola”

A4 “Eu sempre tenho que pedir ajuda para pegar o dinheiro no caixa por que não sei ler e nem escrever nada.”

As falas apresentadas nesses trechos evidenciam que o analfabetismo representa a negação de um direito fundamental, decorrente de um conjunto de problemas sociais como a falta de moradia, alimentação, transporte, saúde e emprego entre outros. Reconhecemos que as altas taxas de analfabetismo são decorrentes da pobreza, consequência de uma estrutura social injusta. Nesse sentido, temos consciência que o analfabetismo não será totalmente resolvido, apenas, por meio da educação, pois seria ingênuo combatê-lo setorialmente sem combater suas causas. No entanto, ressaltamos a relevância de respeitarmos o alfabetizando por meio de uma pedagogia dialógica que resgate a importância de sua história, partindo do conhecimento das condições de vida de cada um deles sejam objetivas (cidadania, desemprego, desigualdade social etc.) ou subjetivas (história de cada um, suas lutas, suas habilidades etc.).

Num cenário de massificação, de exclusão, de desarticulação do saber com o viver, é fundamental nos comprometermos com uma educação que ver o sujeito em sua

totalidade. Sendo um dos fatores determinantes para a superação desta realidade o fazer pedagógico fundamentado no diálogo. Não uma concepção de diálogo baseado apenas na unidade e na reciprocidade, mas um diálogo que segundo Freire (1993) se dá numa relação de existência com outra existência e que só pode se revelar enquanto relações afetivas, enquanto percepção e acolhimento do outro.

Ainda segundo Freire, na sua obra *Pedagogia do Oprimido*, o desafio que nos é colocado diz respeito à construção de novos saberes a partir da situação dialógica que provoca a interação e a partilha de mundos diferentes, mas que comungam do sonho e da esperança de juntos construirmos nosso *ser mais*. Logo, é imprescindível a superação da situação opressora, o que implica o reconhecimento crítico, a *razão* desta situação, para que, através de uma ação transformadora que incida sobre ela, se instaure uma outra, que possibilite a visibilidade de um ser consciente do contexto em que vive.

3.1.2 – Participar no processo de construção de conhecimento a partir da realidade vivida

Desafiados pelas péssimas condições de vida, os alfabetizandos se propõem a si mesmo como problema. Descubrem que pouco sabem de si, da sociedade onde vive e se inquietam para saber mais. Assim, a alfabetização é mais do que dominar habilidades de leitura e escrita, é também de ter um melhor desenvolvimento da auto-estima, mais oportunidades de emprego e condições de participar nas tomadas de decisões na vida em comunidade.

A2 “É muito bom saber ler, porque fica sabendo das coisas que se passa no mundo.”

A5 “Eu nem sabia escrever meu nome, sempre tive vontade de aprender a escrever tudo, de ler as coisas, de ser inteligente. Estou muito feliz porque já estou conseguindo.”

A7 “Eu já estou aprendendo a ler e escrever as coisas da nossa cultura ((Paraíba)) que é o que mais gosto nas aulas.”

A9 “No início eu só sabia conhecer alguns números, hoje, estou até sabendo ler, um pouco, as contas de água e de energia. Já sei resolver outras coisas também.”

O aprender a ler e escrever se faz sempre a partir do contexto em que vivem esses alfabetizandos, isto é, de suas experiências com a realidade na qual estão inseridos, analisando e refletindo, dialogando sobre essa realidade, no sentido de apropriar-se de um caráter transformador.

Notamos um grande interesse dos educadores, quando se reuniam, para troca de experiências, para conhecer a experiência prática dos outros. Sobre isto lembra Arroyo (2000) que são muitos professores que se encontram, se reúnem para trocar experiências, pensar, debater, rever práticas, aprender. Nesse movimento de renovação educativa, várias habilidades e qualidades vão sendo adquiridas. Não apenas saberes para a docência, propriamente dita, mas, também, para propor temáticas de reflexão e alternativas de intervenção educativa, construção coletiva e coordenação de propostas inovadoras.

Neste campo, está também envolvida a capacidade de refletir sobre o significado de ensinar e sua relação com a aprendizagem, numa perspectiva ampla. Assim, Freire afirma, textualmente, que

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e a seriedade (FREIRE, 1999, p. 26).

Nas suas várias obras o referido autor define o ato de ensinar como a criação de possibilidades para a construção ou a produção do saber e não como a transferência de conhecimentos. Antes de serem transferidos, os conhecimentos precisam ser testemunhados e vividos, em respeito à autonomia e dignidade dos educandos.

3.1.3 - Ter consciência da realidade e de suas possibilidades

Aprendemos com Paulo Freire que o diálogo é o alicerce da pedagogia do conhecimento. Na prática da dialogicidade, a segurança, competência e generosidade são citadas como qualidades indispensáveis ao fazer pedagógico. O educador deve estar seguro de si mesmo, levar a sério sua formação, estudar e esforçar-se para estar à altura de sua tarefa, além de ser generoso, pois a mesquinhez inferioriza a tarefa formadora.

Um dos aspectos fundamentais a pedagogia dialógica é a humanização dos excluídos. A vocação ontológica do ser humano é o *ser mais*. É a possibilidade de transcender a realidade que vive. Vejamos as seguintes afirmações:

A1 “sei que preciso continuar estudando, porque quero conseguir um emprego melhor.”

A5 “Meu sonho sempre foi estudar para poder ter uma vida melhor.”

A6 “Estou satisfeita porque aprendi muita coisa nesse curso ((Programa Ler Entender e Fazer)), estou até mais alegre e vou continuar estudando para ter mais oportunidades nesse mundo.”

A10 “Agora, já sei muitas coisas! vou às reuniões da escola de meus filhos e assino as coisas que eles ((membros da instituição escolar)) pedem, me sinto mais importante.”

As possibilidades de atuação dos alfabetizados nas práticas de leitura e escrita se ampliam à medida que aprendem a ler e escrever. A tomada de consciência da realidade como possibilidade propicia um olhar diferenciado, ou melhor, uma reflexão crítica da existência dos alfabetizados sobre o mundo vivido, com a perspectiva de transformá-lo.

A partir das falas veiculadas por esses alfabetizados, percebemos o desvelamento de um mundo primordial de experiências e a própria interpretação. Eles já apresentam índices de tomada de consciência de sua realidade. Dessa forma, encontramos numa alfabetização embasada no diálogo entre alfabetizado e educador e na sua comunidade local possibilidades de uma nova postura diante dos problemas do contexto.

Nesse sentido, a proposta freireana de diálogo não pode ser entendida como uma experiência incondicional, mas, antes, historicamente situada. Logo, o diálogo é o “caminho” para uma educação que visa o pensar, a reflexão e a tomada de consciência da realidade para poder transformá-la.

4- Considerações finais

As falas veiculadas neste trabalho sinalizam poucos elementos da prática educativa na perspectiva de Paulo Freire, mas apontam reflexões necessárias ao amadurecimento de uma educação libertadora. Acreditamos que é preciso pensar num modo onde as práticas de alfabetização não sejam solitárias. É importante que possamos levar para as pessoas uma outra possibilidade de enxergar o mundo, provocando-lhes identidade, trazendo para a escola uma conexão direta com sua vida, sua cultura, seu trabalho, sua cidadania, as próprias políticas de educação formal podem ser consolidadas, como a continuação da escolaridade nos ciclos de Educação de Jovens e Adultos.

Em meio a uma cultura multicultural não podemos perder a capacidade de pensar sobre nossas próprias práticas, sob pena de deixar passar possibilidades de construção de uma educação mais humana, pois precisamos de uma educação que se externa pela busca por conhecimento que vai no sentido de fazer história. Uma

educação contendo uma metodologia que mostre aos homens a possibilidade de serem protagonistas do processo de sistematização, reorganização e reelaboração do conhecimento, e que possam caminhar para estabelecer uma nova síntese entre o chamado conhecimento científico e o saber que provem de sua própria prática cotidiana. Uma educação que afirma a subjetividade na história e a história como possibilidade.

Ao interpretarmos as falas dos alfabetizados sobre os significados que atribuíam à dialogicidade freireana nas dimensões da realidade objetiva, do humano e da sociedade, observamos que a alfabetização não se restringe apenas a ler e a escrever ou a qualificação para o trabalho. Aprender a aprender não é mais armazenar conhecimentos copiados, conhecer é ter habilidade de manejar e produzir conhecimentos em sentido ativo, produtivo, construtivo. Ao mesmo tempo em que se promove o desenvolvimento de habilidades é preciso alargar a visão acerca da responsabilidade de cada alfabetizando e assim assegurar-lhe a formação indispensável ao exercício da cidadania plena e capacitá-lo na sua própria luta por justiça social.

Nessa perspectiva, avançar pelo caminho da dialogicidade freireana, como autor do próprio discurso oral e escrito, apropriando-se por meio dele, autenticamente, inserindo-se nos processos sociais, mais que um ato de coragem do alfabetizando é um ato de responsabilidade de toda a sociedade para com os mesmos. É fazer da alfabetização um processo com sentido e significado, contextualizado e impulsionador de uma sociedade mais justa e solidária em que cada alfabetizando seja, de fato, agente do crescimento e transformações necessárias.

5- Referências

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 43 edição, 2005.
- _____. **Pedagogia da autonomia**. 11 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. **À Sombra da mangueira**. São Paulo: Editora Olho D'água. 6ª edição, 2001.
- SOUZA, J. Francisco. **Atualidade de Paulo Freire: contribuição ao debate sobre a educação na diversidade cultural**. São Paulo: Córtes, 2002.
- SHOR, Ira; FREIRE Paulo. **Medo e ousadia – o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- STRECK, Danilo R., REDIN, Euclides e ZITKOSKI (orgs). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte, 2008.

www.ibge.gov.br/.../pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=... Acesso em 04 de Março de 2012.